

13 Reasons Why: Uma análise sob a perspectiva da Semiótica da Cultura¹

Camila Kaori Motoyama MONTE²

Gabriella Pedroso DUARTE³

Isabella HUNGARO⁴

Karina Veronese SCARABEL⁵

Luana de Sousa LEITE⁶

Rafaela Bueno Ávila da SILVA⁷

Jessica de Cassia ROSSI⁸

Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP

RESUMO

O ato de praticar *bullying* está presente nas escolas, ruas e até mesmo dentro de casa. Esta forma de agressão tende a rebaixar o agredido lhe causando danos psicológicos e até mesmo físicos. Desta forma, o presente trabalho tem como objetivo realizar uma análise semiótica da série original da Netflix, “*13 Reasons Why*”, especificamente a cena na qual a personagem principal, Hannah Baker, comete suicídio como consequência do *bullying* que sofria. O artigo está estruturado em introdução, na qual apresenta-se o tema, fundamentação teórica, na qual discorre-se sobre Semiótica e Semiótica da Cultura, a análise semiótica e considerações finais. Para auxiliar a análise, utilizou-se a Semiótica da Cultura, na qual o texto é estudado como objeto de significação, de comunicação, e de uma cultura, sendo que o entendimento irá depender do contexto social e histórico do leitor.

PALAVRAS-CHAVE: *Bullying*; Mídia; Semiótica da Cultura; Suicídio.

¹ Trabalho apresentado na IJ08 - Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 7 a 9 de junho de 2018.

² Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: ca_kaori4@hotmail.com.

³ Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: gabi720@hotmail.com.

⁴ Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: isahungaro@hotmail.com.

⁵ Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: karinaveronese97@gmail.com

⁶ Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: luuanaleite@hotmail.com.

⁷ Graduanda em Relações Públicas pela Universidade do Sagrado Coração. E-mail: rafaelabavila@hotmail.com.

⁸ Orientadora do trabalho Docente da Universidade do Sagrado Coração. E-mail: jessicacrossi@yahoo.com.br.

INTRODUÇÃO

O *bullying* é um tema mundialmente discutido nos últimos tempos. O termo, que tem origem na palavra inglesa *bully*, é utilizado para descrever as formas de agressões verbais, físicas ou virtuais praticadas com objetivo de inferiorização do outro, de forma repetitiva e sem razão aparente. Dessa forma, vimos a importância de se abordar o assunto, pois é uma ação que vem afetando crianças e adolescentes.

Neste contexto, em 2017 a Netflix lançou a série "*13 Reasons Why*" que ganhou destaque mundial por explorar os perigos do *bullying*, a saúde mental, violência sexual e suicídio entre adolescentes. A produção norte americana tem como origem o *best seller* de Jay Asher.

Queríamos começar contando a verdade sobre que efeitos esses eventos teriam. Sentimos que se pudéssemos contar uma história não apenas com integridade, mas que pudesse ter a chance de repercutir entre os jovens que não necessariamente têm acesso à verdade por meio do entretenimento, e que pudesse ser uma coisa que era uma representação honesta da experiência deles. (YORKEY, 2017).

A história tem como foco o cotidiano de Hannah Baker, uma adolescente que entrou em um novo colégio e enfrenta situações para se adaptar à nova realidade. A personagem passa por momentos nos quais é exposta repetitivamente a circunstâncias constrangedoras que a afetam psicologicamente.

A série se passa pelo olhar do amigo de Hannah, Clay Jensen, que ao voltar da escola encontra na porta de sua casa um misterioso pacote com seu nome. Ao abrir a caixa, ele descobre 7 fitas cassetes com 13 gravações. O garoto ouve as gravações e se dá conta de que elas foram feitas para cada pessoa "culpada" pelo suicídio da garota. Todas as pessoas que recebem a fita são uma das 13 razões pelas quais ela decidiu acabar com sua vida, portanto também Clay é um desses motivos. Então, ele precisa ouvir tudo até o fim para descobrir como contribuiu para esse trágico acontecimento e para repassar a fita para o próximo "motivo". As instruções de Hannah eram claras, todos que estavam nas fitas deveriam ouvi-las e repassá-las para o próximo.

A *Netflix* foi criada em 1997 após um de seus fundadores, Reed Hastings, pagar US\$ 40,00 de multa por uma devolução atrasada de um filme em uma locadora de

vídeo. Incomodado com a situação, o fundador do que viria a ser a maior empresa de serviço de televisão (TV) por internet do mundo, pensou, então, que deveria existir um modo melhor, mais fácil e eficiente de assistir a filmes e séries de TV. Esta foi a sua inspiração para criar a *Netflix*. Juntamente com o executivo de *software* Marc Randolph, Reed Hasting fundou a *Netflix* para oferecer aluguel de filmes online.

Durante os anos seguintes foram realizadas atualizações e expansões da organização para outros países, mas foi apenas em 2016, que o site oficial da organização formalizou que o serviço da *Netflix* já estava disponível em todo o mundo. Em 2017, segundo o site oficial da empresa, o acervo estava em aproximadamente 310 filmes, séries e documentários originais, além de um grande e variado número de filmes e séries para todos os assinantes.

Sendo assim, a análise realizada pelo presente trabalho da série original “*13 Reasons Why*” foi da cena que aborda os últimos momentos de Hannah Baker em vida, a maneira como ela se preparara para cometer o suicídio, sua decisão final e o modo como as pessoas a trataram durante as horas anteriores a decisão de acabar com a própria vida. “Quisemos fazer de um jeito que fosse honesto e quisemos fazer uma coisa que ajudasse as pessoas, porque o suicídio nunca deveria ser uma opção”. (GOMEZ, 2017).

O produtor Brian Yorkey conseguiu, em treze episódios, tocar de uma maneira profunda a verdade de ser um adolescente, sobre ter que lidar com situações que este público, muitas vezes, não está preparado e ao mesmo tempo tentar achar o próprio lugar no mundo.

O roteirista e criador do programa, Brian Yorkey, explica durante “*Beyond the Reasons*”, especial de meia-hora que conta com entrevistas do elenco e equipe de produção ao lado de profissionais de saúde mental que acompanharam as gravações, que houve um grande esforço para não contar a história com violência gratuita: “Queríamos que ela fosse dolorosa de assistir, pois queríamos deixar claro que não há nada que faça o suicídio valer à pena”, comenta o produtor.

Partindo desse suposto utilizamos a Semiótica da Cultura para o embazamento teórico do presente artigo. A Semiótica é entendida como estudo dos signos e deriva da raiz grega *semeion* que significa signo, que é a representação de algo. Ela se divide em três escolas: peirceana, greimasiana e da cultura.

A Semiótica da Cultura funda-se no estudo das linguagens dos textos e de suas relações. Cada enunciado apresenta outros enunciados dentro de si com os quais está vinculado. Além disso, ela trata o texto como objeto de significação, como objeto de comunicação, e como objeto de uma cultura, sendo que o entendimento irá depender do contexto social e histórico do leitor.

Sendo assim, o artigo tem como objetivo realizar uma análise da cena do suicídio de Hannah Baker, personagem principal da série original do Netflix “*13 Reasons Why*”.

Por fim, o trabalho está estruturado em introdução, na qual uma breve história da *Netflix* e da série é apresentado; metodologia e teoria da metodologia, na qual explica-se a semiótica, a semiótica da cultura e suas teorias que serão utilizadas na análise; análise semiótica da cena, na qual é utilizada a semiótica da cultura como embasamento teórico e considerações finais.

MÍDIA E SEMIÓTICA

A Mídia pode ser conceituada como um processo informativo através dos meios de comunicação social, tendo como objetivo disseminar conteúdos e gerar modelos a serem seguidos, desde a inserção dos meios de comunicação na sociedade, como rádio, TV, cinema, jornais até chegar às mídias digitais atuais.

Tendo isto em vista, um dos primeiros estudos a falar sobre a cultura da mídia foram os Estudos Culturais, em 1964, na Inglaterra, o qual fazia uma crítica a Escola de Frankfurt que acreditava existir tipos de culturas superiores e inferiores. Entretanto, para os Estudos Culturais a comunicação feita na mídia representa discursos de resistência e dominação.

Desta forma, com objetivo de entreter, as mídias desde sempre tiveram um papel fundamental na comunicação, pois é a mesma que dissemina informação e cria modelos a serem seguidos e opiniões a serem formadas como uma forma de referência e até mesmo de representatividade.

Além disto, o autor Defleur (1993, p.287) afirma que a mídia tem influência em nossa sociedade e linguagem, estabelecendo palavras com significados, disseminando significado de termos existentes e acima de tudo, reformula significados existentes para o vocabulário coloquial.

A partir disto, a Semiótica é uma das formas de analisar todos os códigos presentes nas mídias e os seus possíveis significados. Sendo assim, esta vertente da comunicação que ajuda a compreender os signos e seus sentidos, será melhor aprofundada no parágrafo abaixo.

A semiótica é a ciência que tem por objetivo a investigação de todas as linguagens possíveis, ou seja, ela examina o modo de constituição de todo e qualquer fenômeno como produção de significação e sentido.

Quando alguma coisa se apresenta em estado nascente, ela costuma ser frágil e deliciada, campo aberto a muitas possibilidades ainda não inteiramente consumidas. Esse é justamente o caso da semiótica: algo nascendo e em processo de crescimento. Esse algo é uma ciência, um território do saber e do conhecimento ainda não sedimentado, indagações e investigações em processo. (SANTAELLA, 2001 p.8).

A semiótica busca ainda estudar e descrever os mecanismos que compõem o significado de um texto, iniciando com uma análise de seu conteúdo, tornando possível compreender o que o texto diz e a forma como o conteúdo é expresso. (MATTE; LARA, 2009).

A ciência surgiu no período Clássico com Platão e Aristóteles, que estudavam os signos verbais, naturais ou convencionais. Seu desenvolvimento ocorreu em três locais diferentes: Estados Unidos da America (EUA), na antiga União Soviética e Europa Ocidental. Embora o surgimento da semiótica tenha ocorrido em locais diferentes, ele foi simultâneo, pois a proliferação histórica das linguagens e códigos, difusão de informações e mensagens fizeram surgir uma consciência da semiótica.

Ela foi desenvolvida pelo cientista e filósofo Charles Sanders Peirce, sendo que ela é dividida em três tricotomias: primeiridade, seguridade e terceiridade. Santaella define esses conceitos como sendo:

Primeiridade é a categoria que dá à experiência sua qualidade distintiva, seu frescor, originalidade irrepitível e liberdade. Não a liberdade em relação a uma determinação física, pois que isso seria uma proposição metafísica, mas liberdade em relação a qualquer elemento segundo.

Secundidade é aquilo que dá à experiência seu caráter factual, de luta e confronto. Ação e reação ainda em nível de binariedade pura, sem o governo da camada mediadora da intencionalidade, razão ou lei.

Finalmente, terceiridade, que aproxima um primeiro e um segundo numa síntese intelectual, corresponde à camada de inteligibilidade, ou pensamento em signos, através da qual representamos e interpretamos o mundo. (SANTAELLA, 2001, p 50-51).

Sendo assim, Pierce estuda como os seres humanos interpretam o mundo a nossa volta a partir de suas vivências, experiências e aprendizados adquiridos durante a vida. Ainda abordando sobre a semiótica peirciana, segundo Mendes (2007) ela “se atém fundamentalmente ao modo de produção do signo e sua relação com a realidade referencial”. (MENDES, 2007, p. 2).

Por último, a Semiótica da Cultura consiste no estudo das linguagens dos textos e de suas relações. Cada enunciado apresenta outros enunciados dentro de si com os quais está relacionado. Ele leva em conta o que é dito, baseando-se neles, complementando-os e/ou rejeitando-os.

Para entender esta teoria é preciso, em primeiro lugar, compreender o significado de cultura. Segundo Ferrari,

[...] cultura refere-se a sistemas de significados compartilhados e por meio dos quais os diferentes grupos sociais compreendem e estruturam suas vidas individuais e coletivas e o mundo material que os rodeia. Assim, a cultura seria característica de grupos definidos em termos de sua especificidade e associada a uma sociedade e a um território. Cultura é assim percebida como espacialmente específica: grupos diferentes ocupariam espaços distintos e representariam “culturas” particulares e únicas. (2015, p. 49).

A interpretação dos textos, sendo neste caso objeto de significação, depende da forma como o indivíduo foi instruído a pensar e agir, ou seja, a maneira como o indivíduo recebe e interpreta esta informação, resultará em uma possível aceitação ou rejeição daquilo que lhe foi exposto.

Ainda complementando este pensamento, Vargas (2014) afirma que:

Para organizar a informação, a cultura se utiliza de textos (sistemas de signos) e programas (códigos), que dão origem às mais diversas expressões humanas (...); adapta a informação necessária à sua perpetuação criando modelos: de edificações, de apresentar fatos do cotidiano, de descrição de suas descobertas científicas. (VARGAS, 2014, p. 149).

Portanto, como Vargas nos expõe, o leitor do texto adapta a informação que foi divulgada de acordo com o que lhe foi ensinado e com sua realidade, e utiliza sua cultura para interpretá-la e compreende-la da forma que lhe convêm.

Na semiótica da cultura, a estruturação dos textos pode ocorrer de três formas: por meio do dialogismo, intertextualidade e pela polifonia. Dialogismo é o processo de interação no qual há correlação entre discursos. Mas não se trata apenas no processo de interação, ele consiste em compreender o receptor pensando em seu entendimento sobre o diálogo para assim ser feito a interação.

Polifonia diz respeito às vozes presentes no discurso. Na linguística é a presença de outros textos dentro de um texto. Essas vozes podem ser de gênero monofônicos, no qual apenas uma voz se sobressai às outras, e de gênero polifônico, no qual várias vozes se sobressaem no discurso. Intertextualidade é a interação entre textos distintos que, quando juntos, se complementam. Essa interação pode ser por meio de citações, alusões, epígrafe, paráfrase, paródia, pastiche, plágio, tradução e versão.

Para este estudo utilizamos a polifonia e, dentro da intertextualidade, a alusão para a análise do tema abordado.

Desta forma, todo texto é resultado da união de várias vozes, alguns resultando em um efeito de polifonia enquanto outros apresentam a monofonia. O primeiro efeito citado é decorrente da manifestação de várias vozes sem que uma delas, em específico, prevaleça sobre as outras. Já no texto monofônico, as vozes se expressam de forma implícita, deixando o discurso ser apresentado por uma única voz. (FROSSARD, 2008)

Seguindo ainda o pensamento de Frossard, ela afirma:

O que Bakhtin defende é que qualquer discurso é permeado por palavras ou ideias de outrem, mas essas outras vozes podem ser assimiladas, citadas ou refutadas em um discurso de forma explícita (...) ou podem ser disfarçadas sob o aspecto de um discurso monológico. (FROSSARD, 2008, p.6 apud. Bakhtin, 1979/2003, p. 199-201).

Já a alusão é utilizada como mecanismo de retórica que auxilia a exemplificar determinada ideia, colocando-a em comparação a algo que lhe seja familiar. Ela consiste na intertextualidade da língua portuguesa representada pelo uso de referências a outras obras, seja de modo explícito ou implícito, para que haja uma base de comparação no texto.

É um tipo de intertexto que faz referência, de modo explícito ou implícito, a uma obra de arte, a um fato histórico ou a uma celebridade, para servir de termo de comparação e que apela à capacidade de associação de ideias do leitor que ative seu conhecimento prévio, sem o qual o sentido não pode ser alcançado. (EBAH, 2014, p.1).

Assim sendo, esta ferramenta é utilizada toda vez que há fatores externos que influenciam o texto, como é o caso da série “*13 Reasons Why*”, que é influenciada pelo livro, comentado anteriormente, e casos de *bullying* que ocorrem.

O artigo realizou uma análise do episódio 13 da série, especificamente a cena do suicídio de Hannah Baker.

ANÁLISE SEMIÓTICA

A série original da *Netflix*, “*13 Reasons Why*”, tem como foco o cotidiano da adolescente Hannah Baker, que é nova em um colégio e enfrenta situações para se adaptar à nova realidade. A série se passa pelo olhar do amigo de Hannah, Clay Jensen, que narra todo o drama vivido pela menina até o momento de seu suicídio.

A cena analisada está contida no último episódio da primeira temporada da série intitulado “Fita 7, Lado A”. A cena em questão aborda a maneira como Hannah Baker resolve acabar com os problemas causados pelos vínculos interpessoais. A série de ações é narrada por Clay Jensen, que procura enfatizar a dramaticidade do momento. Dessa forma, ele tem como objetivo comover o conselheiro da escola, Sr. Porter, já que ele é também um dos 13 motivos.

Para retratar o modo como a personagem vivencia seus últimos momentos de vida, utilizamos dos conceitos da Semiótica da Cultura para realizar essa análise, no caso a polifonia e a alusão.

Com a polifonia percebemos o discurso surgindo das diversas vozes. Nessa cena, é possível notar a influência de vários outros recortes anteriores pela fala da personagem Hannah, mas também pela narração de Clay.

Vale ressaltar que os episódios, em geral, transitam entre presente e passado, mostrando a personagem Hannah ainda em vida e após sua morte. Podemos perceber essa transição através dos elementos de cena, como as cores, que variam em “quentes” para o passado e “frias” para o presente.

Desta forma, no início da cena, Hannah está conversando com o conselheiro da escola, Sr. Porter, a única pessoa a qual ela acreditava que poderia identificar seu pedido de socorro, já que tratava-se de uma autoridade dentro da escola. Entretanto, o mesmo não tratou seu caso com importância.

“Ela saiu dessa sala esperando que fosse atrás dela”. - Clay

Hannah, ao sair da sala, vira-se a porta esperando que o conselheiro finalmente entenda sua súplica:

“A porta dele está fechada” - Hannah

“Mas você não foi”. – Clay

“Ele não vem”. - Hannah

A personagem então decide ir embora e ao percorrer o corredor da escola ela reflete sobre a falta de importância que as pessoas deram ao seu problema, e assim finaliza a décima terceira fita:

“Acho que fui bem clara... mas ninguém está agindo para me impedir. Alguns de vocês se importaram. Nenhum se importou o bastante. Nem eu. E eu sinto muito. Então... este é o fim da fita 13. Não há mais nada a dizer”. – Hannah

Além disso, há uma percepção adolescente de estar sozinho em um ambiente cheio de pessoas. Hannah finaliza a última fita, mas fica na expectativa de que o final possa ser diferente caso alguém fale com ela naquele momento crucial de sua decisão. Clay retrata isso em seu discurso ao dizer que todos deixaram ela ir embora:

“Você a deixou ir embora. Todos a deixamos ir embora”. – Clay

Clay então começa a descrever para o conselheiro os cuidados que Hannah teve antes de cometer suicídio, fatos de seu cotidiano, como arrumar seu quarto, devolver o uniforme do local onde trabalhava e, além disso, organizar e enviar as fitas:

“Ela saiu da escola... foi para casa... e organizou algumas coisas. Ela devolveu o uniforme ao *Crestmont*, onde eu trabalhava com ela. Ela não disse nada. Ela deixou no balcão e foi embora. Ela deixou um pacote com um amigo e levou o outro ao correio”.

Quando a personagem chega ao correio, encontra com um conhecido de um clube de poesia que ela frequentava. Ele diz que sentiram falta dela e por um instante, Hannah se surpreende com o que ouve:

“Hannah” – Robert

“Oi, Robert” – Hannah

“Oi. Que bom vê-la. Sentimos sua falta” – Robert

“É mesmo?” – Hannah

“No grupo. A Linda até escreveu um poema sobre isso” – Robert

“Bem, eu não escrevo mais poesias” – Hannah

“É uma pena. Vá nos visitar qualquer hora, está bem?” - Robert

“Sim, está bem” - Hannah

“Não suma” – Robert

Entretanto, mesmo após ouvir sobre o clube de poesia, Hannah não dá tanta importância e continua com o planejado. A personagem retorna para sua casa e pratica ações corriqueiras:

“Então ela voltou para casa... colocou roupas velha. Ela foi ao banheiro... encheu a banheira... abriu a caixa de lâminas que pegou da loja dos pais dela naquela manhã” – Clay

Ao abrir a caixa e pegar uma lâmina, a personagem analisa o objeto e pensa em sua próxima ação, mas mesmo assim o faz:

“Ela entrou na banheira... vestida... cortou os pulsos... e sangrou até morrer. E ela morreu sozinha”. – Clay

Hannah, mesmo tendo refletido sobre sua ação quando já estava dentro da banheira, cometeu suicídio. A personagem, ao se cortar, expressa o sofrimento, não apenas do corte, mas também de tudo aquilo que havia passado. A ausência de música e o plano em close fazem com que o telespectador tenha o sentimento de agonia, tristeza e dor.

Apesar de ter como base o *best seller* de Jay Asher, a série, assim como o livro, não remete a um caso específico. Casos de *bullying* que levam ao suicídio são frequentes em meio aos adolescentes. A série retrata essa realidade mostrando que não só as provocações, mas o assédio sexual, incompreensão e invasão de privacidade, podem acarretar em problemas graves, e como isto pode levar a um fim trágico.

Neste sentido, utiliza-se a alusão para identificar a influência externa que a série sofreu, tanto do livro quanto do *bullying*. Para muitos especialistas e para a *Organização Mundial da Saúde (OMS)*, o suicídio juvenil precisa deixar de ser tabu. Segundo estatísticas da OMS, tirar a própria vida é a segunda maior causa de morte em todo mundo para pessoas de 15 a 29 anos de idade. "Para a faixa etária de 15 a 29 anos, apenas acidentes de trânsito matam mais. E se você analisar as diferenças de gênero, o suicídio é a causa primária de mortes para mulheres neste grupo", afirma Alexandra Fleischmann, especialista da OMS.

Muitas pessoas perguntaram por que fizemos a Hannah se matar do modo que fizemos e por que mostramos. Nós trabalhamos muito duro para não ser injustificado, mas o objetivo era ser doloroso para assistir porque nós queríamos que ficasse muito claro que não há nada, de qualquer forma, que valha um suicídio. (YORKEY, 2017).

Após as semanas seguintes a estréia da série, que aconteceu dia 31 de março, voluntários do Centro de Valorização da Vida (CVV) notaram um crescimento acentuado na quantidade de contatos com pedidos de informação e ajuda. Os e-mails recebidos diariamente eram uma média de 55, depois passaram para 300. Os acessos ao site saltaram de 2,5 mil ao dia para 6,7 mil. Com os telefonemas não foi diferente. O que foi observado é que muitos jovens citaram a série como “gatilho” para buscar ajuda.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A semiótica, como ciência, nos ajuda a atender o significado do texto e a compreender seus sinais. A Semiótica da Cultura consiste no estudo das linguagens dos textos e de suas relações sendo objeto de uma cultura, e que o entendimento irá depender do contexto social e histórico do leitor.

Desta forma, a semiótica da cultura deu o embasamento teórico para entendermos que, mais do que *bullying* e suicídio, a série “*13 Reasons Why*” fala sobre empatia e gênero.

Com o dialogismo podemos perceber a ação dos diversos diálogos dentro de um texto só e a permuta que acontece entre os pedaços, havendo assim uma construção de diálogos ou sequências de ações, no caso da série.

A impossibilidade de conseguir, a partir de sua realidade interna e externa, a criação de vínculos de confiança, de amizade e de amor, levaram Hannah Baker (personagem principal de série) a um caminho no qual sua angústia, seu pedido desesperado por ajuda e compreensão ao não possuir mais forças para continuar sua busca solitária, a conduziram a perder as esperanças de viver.

A série aponta alguns culpados, mas, o ensinamento está em mostrar que para toda ação, existe uma reação e que essa reação depende, única e exclusivamente, do sentimento do agente receptor. Isso mostra a importância do cuidado e a necessidade de entender que ninguém sabe o que se passa na vida do outro.

Além disso, nos é mostrada durante a série a importância de termos empatia e refletirmos tudo aquilo que fazemos, se estamos afetando alguém direta ou indiretamente. É importante levar essa discussão não apenas para adolescentes como forma de conscientizar, mas principalmente para adultos, ao modo de que possam

reaprender e compreender como é ser jovem atualmente quando os ataques surgem por diversos lados, e também como é passar por diversas dificuldades durante a sua formação, tanto de caráter quanto na delimitação de sua personalidade.

Assim sendo, o objetivo desse trabalho foi a conscientização das pessoas sobre o tema e o entendimento de que o silêncio não afasta o problema, pelo contrário, o faz mais forte, ou seja, é necessário que partir de agora possamos ser rompedores desse silêncio em meio a nossa sociedade e fazer a diferença na vida das pessoas.

REFERÊNCIAS

13 Reasons Why. Produção de Brian Yorkey e Selena Gomez. Netflix. 2017.

13 Reasons Why/Beyond the reasons. YORKEY, Brian; MINNETTE, Dylan; LANGFORD, Katherine .2017. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ry-TOaM2Kfk&t=80s>>. Acesso em: 13 maio 2017.

Cadernos de Letras da UFF Dossiê: **O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários no 46,** p. 173-194 Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/artigo9.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2017.

CAVALCANTE, Juliana. **Tipos de Intertextualidade.** EBAH. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAv8kAH/tipos-intertextualidade>>. Acesso em: 14 maio 2017.

Comunicação e Semiótica da Cultura: cinema como texto cultural. Disponível em: <http://www.academia.edu/9523117/Comunica%C3%A7%C3%A3o_e_Semi%C3%B3tica_da_Cultura_cinema_como_texto_cultural>. Acesso em: 6 maio 2017

DEFLEUR, M.; BALL-ROKEACH, S. Teorias da Comunicação de Massa. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

FERRARI, M. A. Comunicação Intercultural: Perspectivas, dilemas e desafios. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; FERRARI, Maria Aparecida. **Comunicação, Interculturalidade e Organizações:** faces e dimensões da contemporaneidade. Edipucrs, Porto Alegre. 2015. p 43-

63. Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/Ebooks/Pdf/978-85-397-0684-6.pdf>. Acesso em: 30 ago 2017.

FERRAZ, Gabriela Cunha. **13 ReasonsWhy me fez refletir para questões além do suicídio.** Justificando, Carta Capital. 11 de abril de 2017. Disponível em: <<http://justificando.cartacapital.com.br/2017/04/11/13-reasons-why-me-fez-refletir-para-questoes-alem-do-suicidio/>>. Acesso em: 10 maio 2017

FROSSARD, Elaine Cristina Medeiros. **A teoria do dialogismo de Bakhtin e a polifonia de Ducrot: Pontos de Contatos.** UFES. Disponível em: <www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/download/5215/3899>. Acesso em: 8 maio 2017.

GOMES, R. S. & MANCINI, R.C. **Textos midiáticos: uma introdução à Semiótica Discursiva.** Atas do IX FELIN. Rio de Janeiro: UERJ, 2007. - <http://www.filologia.org.br/ixfelin/trabalhos/pdf/66.pdf>

JUNIOR, Daniel Félix Costa. **Lógica em linguística: O quadrado semiótico e os estados intencionais da pragmática.** Cadernos de Letras da UFF Dossiê: O lugar da teoria nos estudos linguísticos e literários no 46, p. 173-194 Disponível em: <<http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/46/artigo9.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2017.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia.** Bauru: EDUSC, 2001. 454 p.

LOTÉRIO, Ligia. **13 ReasonsWhy: como série que aborda suicídio aumentou em 445% busca por ajuda.** VIX, _____. Disponível em: <<http://www.vix.com/pt/saude/544322/13-reasons-why-como-serie-abordou-suicidio-e-aumentou-em-100-busca-por-ajuda>>. Acesso em: 10 maio 2017.

MATTE, A. C. F; LARA, G. M. P. **Um panorama da semiótica greimasiana.** Alfa. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2119/1737>>. Acessado em: 12 maio 2017.

MENDES, Conrado Moreira. **Semiótica francesa e Estudos Culturais: possíveis articulações no campo da ideologia.** Universidade Federal de Minas Gerais. 2007. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0281-3.pdf>>. Acesso em: 8 maio 2017.

NETFLIX BRASIL. 2017. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/>>. Acesso em: 11 maio 2017.

PERASSO, Valeria. **OMS: Suicídio já mata mais jovens que o HIV em todo o mundo.** BBC Brasil, 22 de setembro de 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150922_suicidio_jovens_fd>. Acesso: 14 maio 2017.

_____. **Pesquisa aponta que 20% dos alunos já praticaram bullying contra colegas.** G1, 21 de maio de 2015. Disponível em: <<http://g1.globo.com/sp/ribeirao-preto-franca/noticia/2015/05/pesquisa-aponta-que-20-dos-alunos-ja-praticaram-bullying-contra-colegas.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

RAMAL, Andrea. **Entenda o "Jogo da Baleia Azul" e os riscos envolvidos.** G1, 13 de abril de 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/blog/andrea-ramal/post/entenda-o-jogo-da-baleia-azul-e-os-riscos-envolvidos.html>>. Acesso em: 10 de maio de 2017.

ROSO, Larissa; MELO, Itamar. **"13 Reasons Why" e o suicídio de jovens: o que especialistas veem de positivo e de negativo na série.** Disponível em: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2017/04/13-reasons-why-e-o-suicidio-de-jovens-o-que-especialistas-veem-de-positivo-e-de-negativo-na-serie-9775601.html>. Acesso em: 10 maio 2017.

SANTAELLA, Lúcia. **O que é semiótica.** Editora Brasiliense. 17ª edição. 2001.

_____. **Tipos de Intertextualidade.** _____. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAAv8kAH/tipos-intertextualidade>>. Acesso: 14 maio 2017.